



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB**

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação

Pós-Graduação Lato Sensu

Secretaria de Estado de Educação do DF

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

**TRABALHANDO A DIVERSIDADE PARA A RESOLUÇÃO DE  
CONFLITOS:** Diálogo entre diversidades como forma de prevenir  
atitudes de discriminação e preconceito em sala de aula

**KEILA FARIAS LIMA**

Brasília-DF, novembro de 2015

**TRABALHANDO A DIVERSIDADE PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS:**  
Diálogo entre diversidades como forma de prevenir atitudes de discriminação e  
preconceito em sala de aula

**KEILA FARIAS LIMA**

TCC apresentado ao Curso de  
Especialização em educação em e para os  
Direitos Humanos no Contexto da  
Diversidade Cultural como requisito parcial  
para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof.<sup>o</sup> MSc: Enrique Bessoni

Brasília-DF, dezembro de 2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

KEILA FARIAS LIMA

**TRABALHANDO A DIVERSIDADE PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS:** Diálogo entre diversidades como forma de prevenir atitudes de discriminação e preconceito em sala de aula

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural. Apresentação ocorrida em 12/12/2015. Aprovada pela banca formada pelos professores:

Enrique Bessoni

NOME DO ORIENTADOR (Orientador)

Júlia Campos Clímaco

NOME DO EXAMINADOR (Examinador)

Keila Farias Lima

NOME DO ALUNO (Cursista)

BRASÍLIA/2015

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam por uma sociedade mais justa e que acreditam na educação como ferramenta de transformação da sociedade.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, e que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

À minha mãe, que abriu mão dos próprios sonhos para cuidar de mim e dos meus irmãos, que sendo também pedagoga, sempre acreditou na educação como ferramenta para melhorar o mundo.

Ao meu pai por todo sacrifício durante longos anos em duras jornadas de trabalho para proporcionar a nossa família uma vida digna.

Aos meus irmãos que estão sempre torcendo pelo meu sucesso.

Ao meu orientador Enrique Bessoni pela dedicação, paciência e colaboração para que este trabalho fosse concluído.

Aos colegas que fizeram o curso junto comigo, obrigada pela troca de experiências e conhecimento ao longo desse tempo que estivemos juntos.

Aos professores, estudantes e familiares da escola onde trabalho. Por vocês estou sempre tentando melhorar minha prática.

Aos meus amigos que com suas palavras sempre mostraram admiração pelo trabalho que exerço, muito obrigada pelo carinho.

## SUMÁRIO

|   |  |
|---|--|
| Resumo.....   |  |
| I. Introdução:.....   |  |
| II. Objetivos.....  |  |
| 2.1- Geral .....  |  |
| 2.2- Específicos.....   |  |
| III- Pressupostos teóricos:.....  |  |
| 3.1- Conversando sobre diversidade.....   |  |
| 3.2- Entendendo alguns conceitos (discriminação, preconceito, racismo).....                                 |  |
| 3.3- Conversando sobre o racismo.....   |  |
| 3.4- Buscando estratégias para combater a discriminação, o preconceito e o racismo no ambiente escolar..... |  |
| IV- A pesquisa:.....  |  |
| 4.1- Metodologia.....   |  |
| 4.2 - Campo de pesquisa.....  |  |
| 4.3- Participantes:.....  |  |
| 4.4- Materiais:.....  |  |
| 4.5- Procedimentos.....   |  |
| 4.6- Resultados e Análise .....   |  |
| V- Considerações finais:.....   |  |
| VI- Referências Bibliográficas:.....  |  |

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o modo como questões que envolvem preconceito, discriminação e racismo estão sendo tratadas na escola. O ponto norteador desta pesquisa são as constantes atitudes de discriminação, preconceito e violência por parte dos estudantes mesmo após o desenvolvimento de atividades que envolvem o respeito ao próximo. Teve como objetivo analisar se o projeto sobre valores humanos desenvolvido na escola contempla discussões que têm contribuído para o reconhecimento e valorização da diversidade. Para obter as informações e fundamentar o trabalho, a metodologia seguiu a linha aplicada de cunho qualitativo. Os instrumentos foram a observação, questionário e intervenção. A partir dessa pesquisa verificou-se a necessidade de incluir o debate sobre discriminação/preconceito/racismo de forma clara e objetiva nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Propõe-se então, que este tema seja discutido de forma mais aprofundada em sala de aula e durante todo o ano letivo.

Palavras- chave: Discriminação - Escola - Preconceito - Racismo

## I. INTRODUÇÃO

A reflexão em torno da diversidade ganha cada vez mais espaço no ambiente escolar graças às lutas sociais e construção de uma política que valorize essa diversidade cultural. A escola como ferramenta de transformação da sociedade deve ser um local de diálogo, onde os estudantes aprendem a conviver e a vivenciar sua própria cultura e desenvolver sua identidade de modo a se valorizar e valorizar o outro.

A história de formação do povo brasileiro é marcada pela diversidade étnico-racial e cultural e a convivência com essa pluralidade é marcada muitas vezes pela discriminação e preconceito. Preconceito este que se mostra nas relações do dia-a-dia dentro e fora dos muros da escola. O enfrentamento da discriminação étnico – racial no país teve vários desdobramentos. Dentre eles podemos citar a implantação da Lei 10.639/03, que alterou a Lei 9.394/96 tornando assim obrigatório o ensino de História e Cultura Afro – Brasileiras e Africanas no currículo oficial da Educação Básica e incluindo no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra.

Existem ainda fortes campanhas empreendidas pelo Movimento Negro com o objetivo de formular projetos no sentido de promover políticas e programas para população afro-brasileira e valorizar a história e cultura do povo negro. Não só o movimento Negro, mas também outros grupos de pessoas - formado por mulheres, homossexuais, indígena entre outros - que representam uma parcela da população que é discriminada, sofre preconceito diariamente, reivindicam o seu reconhecimento e igualdade de oportunidades na sociedade brasileira.

Para construir uma sociedade mais justa é necessário que tais problemas como discriminação, preconceito, racismo seja reconhecido e combatido. Para isso a escola desempenha papel fundamental, já que é uma ferramenta de transformação da sociedade. Segundo consta no documento Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (SECAD, 2006):

Sistematicamente, a sociedade brasileira tende a fazer, ainda hoje, vistas grossas aos muitos casos que tomam o espaço da mídia nacional, mostrando o quanto ainda é preciso lutar para que todos e todas recebam uma educação igualitária, que possibilite desenvolvimento intelectual e emocional, independentemente do pertencimento étnico – racial do (a) aluno (a). Com isso, os (as) profissionais da educação permanecem na não – percepção do entrave promovido por eles (as), ao não compreenderem em quais momentos suas atitudes diárias acabam por cometer práticas favorecedoras de apenas parte de seus grupos de alunos e alunas. (SECAD, 2006, p. 21)

De acordo com Suleiman<sup>1</sup> (2014):

“(...) é preciso trabalhar as relações étnico- raciais nas escolas e treinar olhares atentos aos efeitos psicossociais do racismo, para se eliminar não só o preconceito em sala de aula, mas também as barreiras e marcas historicamente produzidas pelas sociedade, ainda vivas sob a forma de crenças e valores simbólicos desiguais que valorizam os brancos e inferiorizam negros e índios.” (SULEIMAN, 2014).

Esta autora explica que romper com o silêncio sobre o racismo que permeia a nossa sociedade é difícil uma vez que falta formação e informação sobre os dados que desmascaram e revelam o racismo brasileiro e também pela crença de que há uma democracia racial. Cita também que a psicologia pode contribuir no processo de formação de professores ao evidenciar como se dá a constituição do sujeito na relação com a cultura, desnaturalizando preconceitos e estereótipos sobre as relações sociais e étnico- raciais do país.

Mesmo com o desenvolvimento de projetos que buscam refletir sobre as atitudes a partir de discussão sobre valores como respeito, amor, solidariedade ainda é possível perceber que qualquer desentendimento entre os estudantes é motivo de atitudes preconceituosas e discriminatórias.

---

1 Bianca Barbosa Suleiman- Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Especialização em Relações Étnico-Raciais pelo programa de Estudos Negros na Sociedade.

Ouve-se com frequência alunos que xingam os outros por causa da cor, do cabelo, do emprego do pai ou da mãe, apelidos pejorativos por causa das roupas e sapatos que os alunos usam.

A questão do comportamento está ligada às atitudes e valores que a pessoa elege como importante para si no relacionamento com o outro e com o ambiente em que vive. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais nos falam que:

O comportamento pessoal se articula com inúmeros outros fatores sociais, seja a manutenção, seja na transformação desses valores e das relações que os sustentam. Portanto, o desenvolvimento de atitudes pressupõe conhecer diferentes valores, poder apreciá-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e eger livremente um sistema de valores para si. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: apresentação temas transversais, 1997, p. 46)

As atitudes das crianças não dependem apenas da ação da escola, é necessário que a família tenha atitudes que reflitam em um relacionamento de respeito e valorização do outro. Porém, a escola como espaço de ensino-aprendizagem atua como ferramenta fundamental no desenvolvimento de um cidadão crítico e ciente de seus direitos e deveres que atue no combate da desigualdade social.

As atitudes das crianças não dependem unicamente da ação da escola, mas têm intrincadas implicações de natureza tanto psicológica quanto social, nas relações de vida familiar e comunitária. Pode-se, entretanto, intencionalmente direcionar e redirecionar a ação pedagógica em função dos objetivos e concepções definidas. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: apresentação dos temas transversais, 1997, p. 57).

Para tanto faz-se necessário refletir sobre como a diversidade é trabalhada na escola e como o desenvolvimento de um projeto sobre valores humanos interfere nas atitudes dos estudantes. A este respeito podemos citar ainda que:

(...) Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. (...) É imprescindível, portanto, reconhecer esse problema e combatê-lo no espaço escolar. É

necessária a promoção do respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre as diferenças sem medo, receio ou preconceito. (SECAD, 2006, p. 21)

## **II. OBJETIVOS:**

**2.1 OBJETIVO GERAL:** Analisar se o projeto *Cultivando valores, compartilhando atitudes* sobre valores humanos que vem sendo desenvolvidos na escola, contempla discussões que têm contribuído para o reconhecimento e valorização da diversidade.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Verificar se o tema diversidade é trabalhado em atividades sobre valores humanos.
- Descrever quais conteúdos trabalhados em sala de aula fazem relação com o tema diversidade.
- Apontar quais atitudes os estudantes reconhecem como preconceito/discriminação/racismo.
- Proporcionar um espaço de discussão sobre Direitos Humanos e Diversidade com a turma.

### III. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

#### 3.1- Conversando sobre diversidade e o currículo escolar

O Brasil tem conquistado muitos resultados na ampliação do acesso e no exercício dos direitos por parte dos cidadãos. No entanto, são muitos os desafios a vencer, e entre estes a ampliação do acesso à educação básica, bem como o respeito e valorização da diversidade cultural se destacam. Casos de discriminação/preconceito/racismo são produzidos e reproduzidos em vários espaços da vida social e, infelizmente, a escola é um desses espaços. Segundo o documento de *Orientações e Ações para a Educação das relações Étnico-Raciais (2006)*:

Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável à ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os (as) estudantes. (SECAD, 2006, p. 69).

Pesquisas mostram que o racismo influencia no desempenho escolar e que muito mais do que diferenças socioeconômicas, o baixo desempenho dos estudantes negros muitas vezes está ligado à práticas discriminatórias na escola, muitas vezes veladas. Nesse sentido, a professora Carolina Cantarino<sup>2</sup> explica em seu artigo que fala sobre a influência do racismo no desempenho escolar que:

Professores silenciam e se omitem, preferindo não tratar do assunto em sala de aula para “não levantar o problema” ou mesmo deixando de intervir nos casos de discriminação racial. Todos tendem a se declarar contra o racismo, o que de alguma forma colabora para que não se discutam formas de identificar sutis discriminações, ou a reconhecer que os apelidos de teor racista, mesmo que aceitos pelos vitimizados, doem e causam sequelas identitárias, diz a pesquisa. (CANTARINO, 2007)

---

2- Carolina Cantarino é professora da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A instituição escolar precisa reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural e assim, compreender a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos que formam a comunidade na qual a escola está inserida. Conhecendo seu meio, poderá valorizar seus alunos em suas características étnicas e culturais e a partir de suas realidades de vida, experiências e saberes construir um ensino e aprendizagem que contribua para que o estudante se torne um sujeito crítico.

Dessa forma espera-se que o cotidiano escolar seja visto e vivenciado como um espaço de fazer coletivo, no qual todos os agentes escolares (pais, mães, estudantes, servidores, professores, diretores entre outras pessoas da comunidade) se reconheçam e ajam como sujeitos corresponsáveis pela formação de uma escola para todas as pessoas, voltada para a igualdade das relações e exercício da cidadania.

A educação compreende questões que vão além das que estão no currículo. Sendo a escola um local onde a diversidade e pluralidade cultural se apresentam de forma bem marcante, faz-se necessário que os educadores tenham uma visão esclarecida a respeito de algumas questões que atravessam as relações entre as pessoas que fazem parte desse ambiente.

Os eixos transversais buscam favorecer a organização do currículo de forma que alguns temas ou conteúdos antes negligenciados sejam agora contemplados e incentivem o estudo e discussão. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) a temática relacionada com diversidade, discriminação e racismo na escola é resultado de lutas pelos direitos sociais e de políticas que reconhecem o tema como questões importantes para a consolidação da democracia. Sendo assim, é preciso que o educador assuma junto à comunidade escolar a iniciativa por trazer para dentro do ambiente educacional a discussão de questões de gênero, religião, eurocentrismo, americanismo, responsabilidade social, inclusão, racismo, discriminação que, entre outras, permeiam as relações sociais dentro e fora da escola.

O que é diversidade?

Segundo o que consta no Currículo em movimento da educação básica:

A diversidade pode ser entendida como a percepção evidente da variedade humana, social, física e ambiental presente na sociedade. Assim, apresenta-se como um conjunto multifacetado e complexo de significações. Stuart Hall (2003) a define, no campo da cultura, como sendo uma oposição aos pressupostos homogêneos construídos pelo Estado moderno, liberal e ocidental, que se pautou, sobretudo nos modelos universais, individuais e seculares.(CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2015).

Ainda sobre diversidade, o Currículo em Movimento da Educação Básica cita que está relacionada a diferenças de culturas, desigualdade econômica, diferença e hierarquização de alguns padrões dentro da sociedade e que isso faz com que grupos pertencentes à padrões diferentes vivenciem a exclusão. Nesse sentido podemos citar como exemplo de grupos excluídos devido a sua diferença os negros, povos indígenas, população LGBT, quilombolas, pessoas com deficiência, pessoas do campo e pobres entre outros.

A escola como espaço de transformação deve, então, exercer uma prática voltada para a afirmação de atitudes e práticas sociais que exprima a valorização e respeito pelas diferenças. É o desafio da escola se constituir como um espaço de resistência e criação de outras formas de relação social e interpessoal.

De acordo com os PCNs (1997):

O simples fato de os alunos serem provenientes de diferentes famílias, diferentes origens, assim como cada professor, ter ele próprio, uma origem pessoal, e os outros auxiliares do trabalho escolar terem também, cada qual, diferentes histórias, permite desenvolver uma experiência de interação “entre diferentes”, na qual cada um aprende e cada um ensina. O convívio, aqui, é explicitação de aprendizagem a cada momento: o que um gosta e o outro não, o que uma precia e o outro, talvez, despreze. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS- PLURALIDADE CULTURAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p.53)

O ambiente escolar é rico em diferenças que ao serem exploradas de forma positiva permitem a vivência dos estudantes no sentido de promover o respeito, a valorização do outro e de si mesmo.

O mesmo documento diz ainda que:

É importante abrir espaço para que a criança e o adolescente possam manifestar-se. Viver o direito à voz é experiência pessoal e intransferível, que permite um oportuno e rico trabalho de língua Portuguesa. Assim também o exercício efetivo do diálogo, voltado para a troca de informações sobre vivências culturais e esclarecimentos acerca de eventuais preconceitos e estereótipos é componente fortalecedor do convívio democrático. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS- PLURALIDADE CULTURAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p.53).

Falar sobre diversidade é de extrema importância e deve ser abordado em sala de aula para que os estudantes reconheçam a pluralidade da qual fazem parte, entendam como a diversidade está presente na formação de sua identidade como cidadão.

Essa educação, profundamente vinculada às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, deve permitir aos alunos respeitar valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando-lhes ao mesmo tempo desativar a carga negativa e evitada de preconceitos que marca a visão discriminatória de grupos sociais, com base em sua origem étnica, suas crenças religiosas ou suas práticas culturais. Só assim a escola poderá, levando em consideração as diferenças étnicas de seus alunos, reconhecer de forma integral os valores culturais que carregam consigo para integrá-los à sua educação formal. Isso é essencial no caso de grupos que, por força da inércia da herança histórica ou pela pura força do preconceito, são quase sempre considerados “inferiores”, ou “naturalmente” subalternos. (MOURA<sup>3</sup>, 2008, p.72).

A educação deve ser uma das ferramentas para a formação da identidade permitindo aos estudantes reconhecer, respeitar, e valorizar as diferenças e desenvolver um sentimento de pertencimento da sociedade em que está inserido.

Os PCNs (1997) citam ainda que “a valorização do patrimônio cultural do Brasil implica o reconhecimento da diversidade de padrões culturais que caracterizam a convivência social na escola”.

---

<sup>3</sup> Glória Moura é professora do Departamento de Artes Cênicas e Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília.

Mas será que a escola está preparada para lidar com questões que envolvem a pluralidade cultural presente na sociedade brasileira? Que tipo de diálogo com a diversidade a escola está promovendo? Este mesmo documento diz que “é decisivo propiciar um ambiente respeitoso, acolhedor, que inclua a possibilidade de o aluno trazer para a sala de aula seu próprio repertório linguístico e cultural”.

Conforme PCNs (1997) há uma dificuldade em lidar com a temática que envolve a diversidade uma vez que é comum prevalecerem vários estereótipos, padrões culturais tido como superiores a outros.

Isso resulta em relações pautadas no preconceito e discriminação racial/étnica.

Na escola, muitas vezes, há manifestações de racismo, discriminação social e étnica, por parte de professores, de alunos, da equipe escolar, ainda que de maneira involuntária ou inconscientes. Essas atitudes representam violação dos direitos dos alunos, professores e funcionários discriminados, trazendo consigo obstáculos ao processo educacional, pelo sofrimento e constrangimento a que essas pessoas se vêem expostas. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS- PLURALIDADE CULTURAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p.22).

É para contribuir com o processo de superação da discriminação, preconceito e racismo e construção de uma sociedade mais justa que a escola deve abordar tais questões e contribuir para a formação de novos comportamentos que valorizem as diferenças.

### **3.2- Entendendo alguns conceitos (discriminação, preconceito, racismo).**

Para combater atitudes discriminatórias, superar o preconceito e racismo é preciso que a escola entenda esses conceitos e assim saiba identificá-los em atitudes do dia-a-dia do ambiente escolar.

Segundo os PCNs (1997):

Compreender que aquele que é alvo da discriminação sofre de fato, e de maneira profunda, é condição para que o professor, em sala de aula, possa escutar até mesmo o que não foi dito. Como a história do preconceito é muito antiga, muitos dos grupos vítimas de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor do grito silenciado é mais forte do que a dor pronunciada. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS- PLURALIDADE CULTURAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p.55).

Para Lopes<sup>4</sup> (2008) a discriminação supervaloriza algumas culturas e costumes em detrimento de outros. Ocorre como uma relação sob duas óticas: a do discriminado e a do discriminador. Para a autora entende-se discriminação racial como uma “atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base ideias preconceituosas”; fala ainda sobre um outro conceito o de preconceito racial que: “é a ideia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida”.

Sobre isso os PCNs dizem que “no polo que discrimina, o medo se apresenta como reação ao desconhecido, visto como ameaçador, e cita como exemplo quem tem a cor da pele diferente, ou fala de tradições desconhecidas. No polo do discriminado a construção da identidade se dá de forma muito dura já que tem que o medo se apresenta como ameaça permanente.

Para Sant’ana<sup>5</sup> (2008):

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (SANT’ANA, 2008,p 58).

---

4 Véra Neusa Lopes é Bacharel e licenciada em Ciências Sociais, com especialização em Planejamento da Educação. Assessora dos Agentes de Pastoral Negros/ Rio Grande do Sul. Professora e Técnica em Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

5 Antônio Olímpio de Sant’ana, Especialista em Educação. Mestre em Teologia pela Universidade da Rainha – Kingston, Ontário/ Canadá.

O autor cita uma lista de preconceitos clássicos, que podemos perceber no nosso dia-a-dia:

“Toda sogra é chata”

“Todos os homens são fortes”

“Todos os políticos são corruptos”

“Mulher bonita é burra”

De acordo com este autor, com base em estereótipos, as pessoas julgam as outras. O autor diz que por isso o preconceito é um fenômeno considerado psicológico, que se apresenta apenas na consciência das pessoas e por si só não fere direitos. Para o autor, os estereótipos, a discriminação, o racismo, o sexismo, são subprodutos gerados nas relações interpessoais com base no preconceito que as pessoas trazem de sua vivência.

Sobre discriminação o Sant’ana (2008) cita um conceito dado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos que fala que é uma conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros.

Racismo é conceituado por este autor como “uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (conceito também retirado do Programa Nacional de Direitos Humanos). Cita também que racismo pode ser entendido como a suposição de que há raças são naturalmente inferiores e outras superiores.

### **3.3 - Conversando sobre o racismo**

O racismo ainda é muito forte nos dias de hoje. São inúmeros os casos que podemos citar. Temos um caso de uma jornalista negra que postou foto em uma rede social e sofreu vários ataques racistas.

Na ocasião foi chamada de macaca, escrava, além de outras formas pejorativas por causa da cor de sua pele. Este fato repercutiu e ganhou apoio de várias pessoas que

mandaram mensagens de repúdio a este tipo de atitude. Mas esta, infelizmente, não foi uma atitude isolada e no dia-a-dia podemos perceber muitas atitudes que envolvem preconceito, discriminação e racismo.

Este fato nos mostra que o racismo é muito forte nos dias de hoje, mas que também é crescente o nível de consciência do quanto este tipo de atitude é maléfica e precisa ser combatida, denunciada e eliminada. Segundo San'Ana (2008) "a postura crítica como professor diante desta luta e denúncia é de fundamental importância". O professor poderá levar o debate à sala de aula de modo a despertar a consciência a respeito de algumas atitudes que podem ser consideradas racismo.

O mesmo autor também fala que esse debate é importante uma vez que:

Quando um (a) aluno (a), professor ou professora, ou mesmo a administração, dentro ou fora da escola, da sala de aula, inadvertida ou propositadamente discrimina alguém, ele ou ela participa de uma prática que nasceu na Europa no século XV e que, desde então, tem gerado dor, tristeza, sofrimento e morte para milhões de seres humanos por causa da cor de sua pele ou de sua origem étnica. (SANT'ANA, 2008, p. 36).

Atitudes de racismo podem ser observadas no dia-a-dia em propagandas na televisão, em seriados que colocam os negros como personagens de menor destaque, na mãe que fala para o filho que o cabelo crespo dele é ruim.

Segundo Sant'ana (2008) "o racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu". Sobre o conceito de racismo Beato (1998 apud Santana, 2008, p. 56) diz que:

A teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somado a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras. (BEATO, 1998 apud SANT'ANA, 2008,p.56).

A conceito de racismo tem como base a ideia de que existe certas raças humanas que são naturalmente inferiores e outras são superiores. O racismo não surgiu de uma

hora para outra, e SANT'ANA (2008) explica que a discriminação racial, como é apresentada hoje é relativamente recente. O racismo é fruto de um processo histórico e que envolve a dominação e escravidão de alguns povos objetivando gerar riqueza e poder para outros.

### **3.4- Buscando estratégias para combater a discriminação, o preconceito e o racismo no ambiente escolar**

A escola tem o papel de formar cidadãos críticos e que reflitam sobre os problemas que assolam a sociedade em que estão inseridos. Para isso deve levantar questões que estão além dos conteúdos escolares presentes no currículo, mas que fazem parte do dia-a-dia e das interações que se desenvolvem entre as pessoas.

Segundo Moura (2008) a escola tem papel crucial já que:

(...) A escola, como instituição socializadora, tem também o dever de propiciar uma ampliação de seu horizonte de experiência, com base em valores hoje inquestionáveis, como o respeito aos direitos humanos e aos ideais republicanos e democráticos, que orientam- ou devem orientar- o desenvolvimento da sociedade brasileira. E a escola tem ainda a função, a partir dos valores especificamente pedagógicos que orientam sua prática, de ampliar e aprofundar no aluno o seu processo de aquisição de conhecimentos, como espaço de escolarização que é. (MOURA, 2008, p 71).

A autora considera que a escola não oportuniza a formação das identidades no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso muitos brasileiros acabam negando sua identidade, já que não lhes é permitido conhecer sua história, saber quem são.

Conforme esta autora explica é um desafio tentar desenvolver, na escola, um espaço pedagógico que proporcione o reconhecimento das múltiplas identidades que fazem parte da identidade do povo brasileiro. Um dos fatores para isso é que a educação formal dificulta a construção da identidade quando deixa de lado a história de vida do aluno. Este por sua vez não consegue relacionar os saberes aprendidos na escola como algo que deve levar para a vida. Assim Moura (2008) fala que “ a educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar

um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência”. (Moura, 2008, p. 68).

A autora destaca que educação formal “desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo” (MOURA, p.68).

Outro ponto importante diz respeito a diferença entre currículo invisível e currículo oculto. O currículo invisível se refere à transmissão de valores, dos princípios de conduta e das normas de convívio. O currículo oculto seria o conceito pedagógico sistematizado e que está escondido e impõe-se como forma legítima no processo de educação. Este se refere às cadernetas de frequência, os sinais de entrada e saída, a disciplina que deve ser obedecida em sala de aula. Moura (2008) ressalta a importância do currículo invisível na construção da identidade e que vai despertar nas crianças e nos jovens a vontade de preservar a cultura da qual fazem parte.

Para a autora a escola não leva em conta o saber diferenciado que o aluno pode trazer da sua experiência de vida, aprendido com seus avós e pais. Dessa forma a origem étnica dos alunos se mantém desconhecida no ambiente escolar.

Nas palavras de Moura (2008) a escola apresenta apenas a história dos vencedores:

Na escola é negado ao estudante o conhecimento de uma história que efetivamente incorporasse a contribuição dos diferentes estoques étnicos à formação de nossa identidade, com o agravante de que a história parcial ali apresentada como exclusiva é aquela dos vencedores, dos colonizadores ou, para precisar a afirmativa, história celebratória das classes econômicas e politicamente mais bem-sucedidas. (MOURA, 2008, p.74).

Moura (2008) chama a atenção no que diz respeito ao papel dos professores, já que estes devem receber uma formação que os capacite a “criar, levantar possibilidades, inventar novas situações de aprendizagem em sala de aula, diante da especificidade do contexto em que conduz o processo de ensino- aprendizagem” uma vez que o currículo por si só não conseguirá efetivar as mudanças necessárias.

De acordo com a autora outra ferramenta importante para mudar a realidade seria a utilização de produtos resultantes de pesquisas e outros materiais que são pouco

divulgados. Estes seriam utilizados com o objetivo de levar o os professores a ter uma visão mais abrangente da sociedade e da cultura brasileira. Outro ponto levantado diz respeito a “tornar a escola mais próxima da realidade sociocultural de seus alunos, levando em conta os valores culturais locais numa perspectiva universal, se quiser formar cidadãos capazes de construir a sua própria história, num Brasil plural e verdadeiramente democrático”. (MOURA, 2008, p. 77).

Neste mesmo sentido a professora Nilma Lino Gomes<sup>6</sup> (2008) levanta alguns pontos que servem de reflexão para tentarmos entender como a escola está tratando estas questões:

- Como será que os professoras e professores têm trabalhados as questões raciais na escola?
- Quais atitudes estão sendo tomadas diante das situações de discriminação racial no interior da escola e da sala de aula?
- Por que será que a questão racial ainda encontra tanta dificuldade para entrar na escola e na formação do professorado brasileiro?
- Todos concordam que existe racismo na sociedade brasileira?

De acordo com esta autora talvez a resposta esteja na crença de que a função da escola esteja reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira. Apesar de todos reconhecerem que a educação é um processo amplo que envolve a construção de saberes culturais e sociais, estes temas são deixados de lado no processo de ensino-aprendizagem da escola.

---

6 Nilma Lino Gomes é Professora Assistente do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da UFMG. Doutoranda em Antropologia Social/ USP.

Seguindo as ideias anteriores é preciso que os educadores compreendam que o processo educacional também é formado a partir de dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, sexualidade, cultura, relações raciais entre outras. Ao se trabalhar com estas questões é possível a construção de um saber coletivo que sirva para formar cidadãos conscientes e atender a demanda da sociedade na qual a escola está inserida.

Conforme Gomes (2008):

O entendimento conceitual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os (as) educadores (as) a compreenderem a especificidade do racismo brasileiro e auxiliá-los a identificar o que é uma prática racista e quando esta acontece no interior da escola. Essa é uma discussão que deveria fazer parte do processo de formação dos professores. Porém, é necessário que, na educação, a discussão teórica e conceitual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas. (GOMES, 2008, p.144).

A autora diz ainda que é preciso que a prática escolar seja pautada por princípios éticos que orientem as ações ligadas à questão racial. É preciso realizar discussões na escola que trabalhem temas com esta temática durante todo o ano letivo e não apenas em datas comemorativas. Levantar discussões acerca da “influência da mídia, a religião, a cultura, a estética, a corporeidade, a música, a arte, os movimentos culturais, na perspectiva afro-brasileira” pode ser o ponto inicial para a construção de uma nova prática escolar.

Assim como Moura (2008), esta autora fala da importância dos educadores terem contato com outras ações, experiências de intervenção bem sucedidas. Estas que seriam uma importante ferramenta para o desenvolvimento de projetos e outras ações com esta temática. Para estas mudanças se concretizarem é preciso que os professores se mobilizem a favor do trabalho com estas questões.

Lopes (2008) cita que “os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados”. Logo se faz necessário abordar este fato na

escola, incluir o tema de modo claro e objetivo no currículo para que o “aluno consiga identificar os casos, buscar resolvê-los, a partir de um diálogo de respeito e valorização das diferenças.

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (LOPES, 2008, p.185).

Os PCNs (1997) citam que é tarefa do professor e da equipe da escola estarem atentos aos materiais didáticos utilizados, ao modo como a noção de diversidade é tratada, sempre a partir de uma base de respeito às qualidades de cada ser humano.

## **VI. A PESQUISA**

### **4.1 METODOLOGIA**

Diante da necessidade de transformar os resultados da pesquisa em ações concretas optou-se por fazer uma pesquisa aplicada. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica prévia para a fundamentação teórica.

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto (Cervo et al. 2007).

Faz –se necessário uma leitura sobre o que já foi publicado em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, revistas, livros, textos, artigos estudados durante o curso. Teve como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais forneceram conceitos e conhecimentos históricos acerca do tema, além de ser um documento nacional que serve como norteador para o desenvolvimento dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula.

Com apoio nos textos de Glória Moura buscou-se referencial acerca de como a escola tem tratado as questões que envolvem a discriminação, o preconceito e o racismo.

A partir da leitura dos artigos de Véra Neusa Lopes e Antônio Olímpio de Sant'ana foi esclarecido os conceitos inerentes a este trabalho de pesquisa.

Foram ouvidos relatos da professora acerca das atividades que ela realiza sobre o tema, além de uma entrevista com alguns alunos da turma para saber o que eles entendem por discriminação, preconceito e racismo.

## **4.2 CAMPO DE PESQUISA**

A pesquisa e intervenção foi realizada em uma escola classe pública situada em Samambaia – cidade satélite de Brasília. A escola possui atualmente um total de 763 estudantes e atende alunos do primeiro período da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental de nove anos. Possui alunos fora da faixa-etária para a série, e por este motivo pode-se dizer que os alunos que estão na escola têm idade entre 4 anos e 15 anos. 15 turmas são reduzidas das 36 existente na escola.

É recorrente na fala dos professores e familiares de alguns estudantes que seus filhos não querem ir para a escola já que estão sendo xingados, humilhados por outros colegas. Foi observado que muitos se envolvem em todo tipo de agressão, seja física ou verbal. Diante desse contexto violento a escola desenvolve várias ações que visam contribuir para a mudança de atitudes no que se refere ao relacionamento interpessoal dos estudantes.

Diante deste cenário e a pedido dos professores, a escola criou um projeto chamado: *“Cultivando valores, compartilhando atitudes”* que tem por objetivo resgatar e refletir

sobre os seguintes valores: respeito, responsabilidade, disciplina, amor, amizade, perdão, bondade e solidariedade. Em sala de aula os professores desenvolvem atividades como rodas de conversas, leitura de livros, vídeos do youtube, debates sobre textos que falem sobre estes valores. Os coordenadores da escola, além de palestras no pátio da escola, encenam peças de teatro para os alunos, também buscando refletir sobre a questão do respeito nas relações interpessoais.

Apesar das atividades desenvolvidas muitos alunos xingam os outros em momentos de conflitos com palavras que fazem referência à atitudes de preconceito/discriminação e racismo.

### **4.3 Participantes**

Participaram da pesquisa 8 estudantes de uma turma do 4º ano, turno vespertino. A professora da turma e a Orientadora Educacional da escola que conduziu a pesquisa e a intervenção.

### **4.4 Materiais**

Foram utilizados os seguintes materiais:

- Lápis, borracha e caderno
- Leitura do livro: Todos juntos contra o bullying/ Eu sou negro da autora Rose Elaine S. Machado
- Questionário com 10 perguntas: (O eixo norteador para construir as perguntas que seriam feitas aos alunos foram os conceitos aqui trabalhados: Discriminação, Preconceito e Racismo).

- 1) Você sabe o significado da palavra discriminação?
- 2) Você acha que já foi discriminado?

- 3) Você acha que já discriminou alguém?
- 4) Sua família já conversou com você sobre discriminação?
- 5) Você sabe o que é preconceito?
- 6) Você acha que já sofreu preconceito?
- 7) Você acha que já foi preconceituoso com alguém?
- 8) Você sabe o que é racismo?
- 9) Você conhece alguém que já sofreu racismo?
- 10) Sua família conversa com você sobre racismo?

#### **4.5 Procedimentos**

Foi realizado um primeiro contato com alguns alunos. No total 8 alunos (com idade entre 9 e 10 anos) de uma turma do 4º ano foram escolhidos de forma aleatória. Foi realizada uma entrevista com 10 perguntas para saber o entendimento deles acerca do tema e levantar alguns dados. Após responder o que achavam que significava cada palavra, os alunos deveriam responder também se já foram vítimas ou agentes em situações que envolviam discriminação, preconceito e racismo. Também foi perguntado se as famílias dos estudantes conversam sobre esse tema com eles.

A entrevista foi realizada na sala de Orientação Educacional. A orientadora ia perguntando e os alunos respondiam oralmente e depois registravam sua resposta em uma folha de caderno.

A partir da resposta dos estudantes acerca do tema foi desenvolvido uma roda de leitura e reflexão conjunta sobre um livro que teve como tema o racismo. Esta roda de leitura se deu em um segundo encontro com os 8 estudantes escolhidos. Alguns alunos (3) possuíam histórico de agressão e mau comportamento associado ao baixo rendimento. Os outros 5 alunos eram considerados bons alunos e apresentavam bom relacionamento com colegas e professores.

Antes do início da roda de conversa os estudantes foram questionados sobre as perguntas que lhes foram feitas anteriormente, sobre qual tema eram essas perguntas. Os alunos responderam que era sobre racismo, preconceito.

Depois, foi contada a história de um livro onde um garoto negro, ao chegar em sua nova escola, é rejeitado por alguns colegas de sua turma. Por ser ele o único negro, alguns colegas não quiseram fazer atividades junto com ele, ou até mesmo permitir que ele participasse da brincadeira. Por fim o aluno diz para a mãe que não quer mais ir para a aula. A mãe então, vai à escola, conversa com a diretora e professora que prometem conversar com os estudantes para saber o que está acontecendo. Na história, os pais dos alunos com atitudes racistas são chamados para uma conversa junto à direção, a professora conversa com a turma que resolve escrever uma carta pedindo a volta do estudante. O aluno volta e dessa vez é bem recebido por todos.

Após a leitura, os estudantes discutiram se aquela história tinha alguma relação com a realidade vivida por eles, dentro ou fora da escola, ou se é algo que só acontece nos livros.

A professora da turma relatou em uma conversa informal que não dá tempo de trabalhar sobre estes temas específicos porque existe outros conteúdos que devem ser trabalhados e que são cobrados de forma mais rígida pela escola. Disse também que são temas abordados de forma geral, quando há algum conflito na sala de aula ou quando os alunos comentam alguma reportagem ou filme.

#### **4.6 Resultados / Análise dos dados**

A partir desse levantamento de dados percebemos que os estudantes não sabem diferenciar conceitos como discriminação, preconceito e racismo. Qualquer atitude que envolva desrespeito é considerada bullying para os alunos. 2 dos 8 alunos entrevistados responderam que racismo “era tipo bullying” e “quando a pessoa faz bullying com o colega”.

Os estudantes que estão envolvidos em casos de agressão foram os que responderam que os pais conversam sobre esses temas e souberam dar exemplos que puderam diferenciar o conceito de cada palavra. Talvez por estas palavras

estarem mais presentes no dia-a-dia desses alunos que mais frequentemente estão envolvidos com agressões verbais e físicas.

Alguns alunos responderam que racismo é quando chama o outro de “baleia”, “gorda”. Sobre preconceito uma aluna respondeu que é quando “alguém fala que mulher não sabe dirigir” ou quando os meninos não passam a bola para as meninas na aula de educação física.

Baseado no relato da professora também, foi possível perceber que esses temas são abordados de forma geral com os estudantes, e que cada conceito é abordado aleatoriamente e de forma não sistematizada. Não há uma discussão aprofundada sobre os conceitos e sobre as atitudes dos alunos que podem estar relacionados a atitudes de discriminação, preconceito ou racismo. Com relação ao projeto desenvolvido na escola, a professora coloca que é pedido aos estudantes que tenham mais respeito e amor ao próximo, mas não se fala objetivamente sobre discriminação ou preconceito e racismo. Evidenciamos então, que este tema não é trabalhado de forma aprofundada nas atividades que falam sobre valores humanos.

Foi possível observar que o projeto *Cultivando valores, compartilhando atitudes*- que tem como proposta de atividades realização de palestras no pátio, encenação de peças de teatro que falem sobre o respeito ao próximo, ao cuidado em relação ao outro, ao amor e solidariedade não contempla atividades que aprofundem o reconhecimento e valorização da diversidade de forma mais objetiva.

Com relação aos conteúdos trabalhados em sala e que fazem relação com o tema diversidade podemos citar o folclore, este aborda aspectos de culturas de diferentes regiões. Mesmo assim é algo restrito a lendas e mitos de cada região e pouco ou nada falam sobre outros aspectos da cultura ou formação do povo brasileiro.

Foi possível dizer que os estudantes entendem que atitudes discriminatórias/preconceituosas/racistas se referem à falta de respeito ao próximo. Porém, não conseguem explicar com clareza quando um insulto pode ser considerado racismo.

Os alunos reconheceram que são vítimas de discriminação/preconceito/racismo. Também disseram que reproduzem essa prática na relação com os colegas. Apresentaram dificuldades em diferenciar o que seria uma atitude racista, de uma atitude preconceituosa ou discriminatória.

A partir da leitura do livro foi possível proporcionar um espaço de debate sobre Direitos Humanos e Diversidade com os estudantes participantes. Estes refletiram sobre práticas dos quais são agentes e também vítimas, dentro e fora do ambiente escolar. Os estudantes demonstraram interesse em discutir o tema, além de usarem vários exemplos do seu dia-a-dia.

Logo, podemos concluir que apesar de existir um projeto específico que visa trabalhar questões relacionadas a valores humanos, como por exemplo, amor, solidariedade, respeito, percebe-se que os estudantes continuam apresentando atitudes que são contrárias aos valores trabalhados.

A ausência de uma reflexão que trabalhe especificamente com temas discriminação, preconceito, e racismo aparentemente, tem influenciado atitudes agressivas entre os estudantes, ao lidar com as diferenças. Também tem impedido a promoção de relações interpessoais que tenham como base o respeito e valorização das diferenças entre os alunos.

## **II. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho foi uma reflexão acerca do tema: trabalhando a diversidade para a resolução de conflitos. Buscou-se avaliar se as atividades desenvolvidas a partir da construção do projeto *Cultivando valores, compartilhando atitudes* contribui para o reconhecimento e valorização da diversidade presente na escola.

Foi feito uma entrevista com alguns alunos para que estes falassem sobre o significado das palavras discriminação, preconceito e racismo. Contudo, nem todos souberam explicar ou exemplificar quais atitudes se referem a essas palavras. Em um

segundo encontro, após essa entrevista, um livro que conta uma história sobre um garoto que sofreu racismo foi lido para os alunos. Ao fim da leitura estes discutiram sobre a história e relacionaram com fatos do dia-a-dia.

A partir dessa pesquisa verificou-se a necessidade de incluir o debate sobre discriminação/preconceito/racismo de forma clara e objetiva nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Como cita Gomes (2008, p.147) é preciso construir novas práticas e quem sabe assim seja possível “realizar discussões na escola que trabalhem temas como: a influência da mídia, a religião, a cultura, a estética, a corporeidade, a música, a arte, os movimentos culturais, na perspectiva afro-brasileira”.

É preciso que estes temas sejam discutidos durante todo o processo escolar e não apenas em datas comemorativas, como semana da consciência negra, semana do folclore ou semana da cultura.

Propõe-se que o projeto acrescente novos conteúdos para a discussão em sala de aula. Que além das palestras que já são realizadas e teatrinho que são encenados no pátio da escola, os alunos tenham um tempo específico para aprofundar a discussão.

Sugere-se também que os temas discriminação/ preconceito/ racismo sejam trabalhados e estudados, separadamente, pelos professores e que a discussão sobre o tema seja desenvolvido considerando todas as turmas da escola.

Envolver os estudantes dando-lhe autonomia para construir uma atividade que contribua para a discussão e aprofundamento do tema.

Com as crianças é possível desenvolver rodas de conversas por uma ou duas semanas de modo que todas tenham tempo de expressar oralmente sua opinião e refletir sobre as experiências vividas por ela.

Organizar visitas a instituições culturais, museus, casas de cultura que existam na comunidade na qual a escola está inserida.

#### IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: apresentação dos temas transversais/ ética. Secretaria de Educação. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1997. 142p.

CANTARINO, Carolina. Racismo influencia desempenho escolar. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 59, n. 2, June 2007 . Available from <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000200005&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 12 Dec. 2015.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro A; SILVA Roberto da. **Metodologia científica**; 6ª edição; São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007

CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: pressupostos teóricos. Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica>. Acesso em 28 de setembro de 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2008.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2008.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade.2008.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2008.

SULEIMAN, Bianca Barbosa. Psicologia e Ensino das Relações Étnico-Raciais: uma experiência na formação de professores. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá , v. 18, n. 2, p. 369-372, Aug. 2014 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572014000200369&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000200369&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 Nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182809>.